

O pioneirismo do poeta Lobivar Matos no cenário literário mato-grossense

The pioneering of the poet Lobivar Matos in the literary scenario of mato-grossense

Eduardo Mahon³⁵
Cristina Campos³⁶

RESUMO: O presente artigo analisa o pioneirismo modernista do poeta Lobivar Matos em meio ao contexto literário mato-grossense nos anos 1930-1940, dominado pela estética romântico-parnasiana. Ao perceber a complexidade do confronto com a tradição, é possível alcançar a relevância da poesia marginal do autor, inclusive no contexto nacional, onde o movimento modernista ainda não se aprofundava em questões sociais como Lobivar Matos.

Palavras-chave: Modernismo. Vanguarda. Tradição. Literatura brasileira. Regionalismo mato-grossense.

ABSTRACT: This article analyzes the modernist pioneerism of the poet Lobivar Matos in the midst of the regional literary context, dominated by Parnassian aesthetics. By realizing the complexity of the confrontation with tradition, it is possible to reach the relevance of the author's marginal poetry, even in the national context where the modernist movement did not delve as directly into social issues as Lobivar Matos.

Keywords: Modernism. Avant-garde. Tradition. Brazilian literature. Mato Grosso regionalism.

35 Doutorando em Estudos Literários, pela Unemat; advogado, pesquisador e escritor.

36 Doutora em Educação, pela USP; professora aposentada do IFMT – Campus Cuiabá; pesquisadora e escritora.

1. Introdução

Em um dos vários balanços que fez da Semana de Arte Moderna de 1922, Mário de Andrade concluiu que “o movimento modernista era nitidamente aristocrático” (ANDRADE, 1974, p. 236). Em seguida, prosseguiu na autocritica classificando aspectos do movimento que “não se deu sem alguma patriotice e muita falsificação” (ANDRADE, 1974, p. 243). Concluiu o famoso ensaio sobre o movimento renovador com o paradoxo: lutar contra o individualismo do romantismo e do parnasianismo e, como reação, conduzi-lo a limites anacrônicos.

Uma década após o ímpeto crítico causar escândalo no Teatro Municipal de São Paulo, o poeta mato-grossense Lobivar Matos movimentava-se num estado bastante distante da efervescência modernista importada da Europa. Longe de ser aristocrático e afeito a patriotadas, Matos não só confrontou a estética passadista – como se dizia à época –, mas mirou em direções nas quais Mário de Andrade se ressentiu por não ter feito. A produção solitária do corumbaense não só guarda um nítido caráter popular quanto se opõe ao naturalismo e realismo defendido pelos literatos da época, o que faz de sua obra algo mais digno de atenção da crítica e do público.

2. Texto e contexto

Antes de nos debruçarmos sobre a importância do poeta mato-grossense Lobivar Matos no cenário regional, parece-nos essencial uma discussão preliminar: o movimento modernista se fixou em Mato Grosso? De que modo? A percepção de modernismo, deslocada duplamente da Europa e de São Paulo, ganhou nuances diferentes num estado cuja produção de periódicos literários sofria com a falta de apoio?

No ano centenário da Semana de Arte Moderna de São Paulo, os pesquisadores estão às voltas com indagações que antecedem o reconhecimento de mérito. Vários autores, pintores e compositores ganharam o *status* canônico antes mesmo de os críticos poderem refletir sobre essa questão considerada preliminar. Talvez as novas pesquisas se voltem para outros referenciais. Além de discutir o que seria propriamente

“modernista”, é preciso pensar em como essa noção foi usada em situações diferentes no contexto brasileiro, por sinal mais complexo.

Portanto, que “modernismo” houve em Mato Grosso? Quando, como e por meio de quem o movimento ocorreu? Inicialmente, ao emparelhamos as formas de comunicação social dos modernistas europeus e brasileiros, em geral expondo suas críticas e pretensões em manifestos publicados em jornais e revistas, verificamos a ausência de ecos modernistas em Mato Grosso de forma concomitante à efervescência paulista e carioca.

Durante as décadas de 1920 e 1930, enquanto os leitores se dividiam entre a beleza simétrica do parnasianismo e o cotidiano assimétrico e angustiante do modernismo, em Mato Grosso ocorria justamente o contrário. Com a fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, em 1919, e do Centro Mattogrossense de Letras, em 1921 (que, em 1932, tornou-se a Academia Mato-grossense de Letras – AML), a estética eleita para prosa e poesia repudiava, a um só tempo, os rompantes de um romantismo radical e os arroubos modernistas, adotando uma postura comedida e conservadora. De um lado, imputava-se ao primeiro movimento a inclinação para a loucura e o suicídio, nada saudáveis, enquanto a desconstrução estética do segundo ia de encontro à harmonia programática de autores como Francisco de Aquino Correa e José de Mesquita, principais ideólogos destas instituições.

Os meios de comunicação disponibilizados aos autores mato-grossenses eram precários, descontinuados, com circulação mitigada pela falta de apoio público ou empresarial. O governo e a elite cuiabana não apoiariam uma estética que criticasse abertamente a noção parnasiana do bom e do belo, sobretudo porque Dom Aquino Correa, padre além de escritor, concentrava nas mãos um grande poder político e religioso; e José de Mesquita, além de literato, era a mais influente personalidade do Poder Judiciário em Mato Grosso.

De um lado, o governador e, de outro, o desembargador, ambos afinados com um romantismo de viés patriótico e também cultores da métrica e temática parnasianas nas poesias que compunham, estrategicamente buscando influenciar seus pares a seguir seu exemplo.

Por meio desse tipo de produção poética, pretendiam estabelecer um marco: narrar a fundação de uma civilização. Portanto, não havia espaço nos periódicos que circulavam para manifestos engajados na dissolução de templos, academias e escolas. Em Cuiabá, em paralelo ao modernismo que ocorria em outros centros, repetia-se sobretudo o parnasianismo, igualmente importado. Tempos iguais, realidades regionais distintas. O que imprimia essa oposição era o contexto geopolítico.

Antes de avançarmos ainda mais, é preciso sermos justos com os autores mato-grossenses que predominaram nas décadas de 1920 e 1930. Primeiro, porque o parnasianismo não é um mal em si. O apuro da forma rendeu a D. Aquino poemas elegantes que venceram o tempo por méritos intrínsecos, e a evocação da natureza na obra de Mesquita cedeu a seus contemporâneos e às gerações seguintes contos de qualidade. Além do mais, o “parnasianismo pantaneiro”, digamos assim, não é nem de longe um mimetismo bilaquiano. Ao mesmo tempo em que a forma era uma cláusula pétrea da constituição poética, os temas reitores da prosa e da poética concentravam-se num regionalismo orgulhoso de si.

E a temática regional não se desdobrou no modernismo? Sem dúvida, a influência de Gilberto Freire, desde o ciclo de palestras em 1926, foi decisiva. Mesquita, por exemplo, dedicou um livro a Afonso Arinos. O programa de D. Aquino Correa (1922) estabelecia “cantar a própria terra” como ideário norteador dos escritores. De certa forma, o modernismo impactou a produção mato-grossense, mesmo que de forma sub-reptícia. Provavelmente, os autores exploraram temáticas regionalistas para contribuir com a campanha oficial do governo de promoção da imagem estadual, que buscava projetar uma terra aberta a novas possibilidades, um novo ciclo bandeirante de aventura e prosperidade.

Dessa breve introdução, dessume-se um entrelaçamento de estéticas e temáticas ao sabor das contingências locais. Se não havia manifestos antiacadêmicos, sobrava o exotismo local.

No entanto, enquanto se estruturava o academicismo umbilicalmente ligado à capital mato-grossense, em Corumbá, sul do ainda indiviso estado de Mato Grosso, surgiu a voz corajosa e solitária de Lobivar Matos, que ousou estabelecer um contraponto literário e um confronto político

com o “cuiabanocentrismo”, criticando abertamente o imaginário de civilização, progresso e centralização predominante na capital – conjunto imagético que, aliás, não deixa de ser modernista.

Noutras palavras, com Lobivar Matos, encontramos uma expressão sulista reagindo contra a hegemonia nortista. Em termos de comunicação, anos depois, ocorreu uma deflagrada rixa entre as duas realidades, mas esse distanciamento não se plasmou na produção literária.

Logo adiante, mostraremos como Lobivar promoveu esse enfrentamento modernista. Anos depois, o poeta Wladimir Dias-Pino, em seu manifesto ‘Intensivismo’, propôs um rompimento estético ainda mais radical com o academicismo reinante (DIAS-PINO, 1951a; 1951b).

Todavia, o pioneiro foi Lobivar Matos. Ao observar o contexto histórico, a estrutura literária e o imaginário explorado por ele, constatamos a assunção do que foi popularmente conhecido como “modernismo”, um protótipo mais ou menos característico que adaptava o movimento europeu à realidade local. A um só tempo, o autor de *Sarobá* (MATOS, 2008b) era antiacadêmico, antiparnasiano e anticuiabano. Ao retratar sua vila, igualmente provinciana, promoveu um giro na ótica georreferenciada na cultura de salão praticada na capital. Seu recorte foi o popular, o periférico e a cor local; o que imprimiu em sua poesia evocava mais os povos negro e indígena para reposicioná-los como centros de interesse.

Resta responder à questão inicial proposta: o modernismo configurou-se como um *movimento* ou constituiu apenas uma *movimentação* no contexto literário mato-grossense dos anos 1930-1960? Partindo do princípio de que o movimento literário pressupõe o engajamento ideológico de um grupo que se dedica a uma produção consistente com as normas literárias da escola que defende, percebemos que houve apenas algumas nuances modernistas em Mato Grosso no período referido, uma vez que os grupos que se formaram não chegaram a consolidar publicações consistentes a ponto de configurarem propriamente um movimento, como tipicamente é percebido em outras localidades brasileiras e estrangeiras. Os grupos dissolviam-se com a mesma facilidade com que se formavam e seus membros oscilavam entre a metrificacão rigorosa e o verso livre, conforme a proximidade de personalidades mais ou menos radicais,

como era o caso de Dom Aquino Correa e José de Mesquita (mais conservadores) e Wladimir Dias-Pino (defensor radical da vanguarda), que atuou fortemente em Mato Grosso a partir do final da década de 1940.

Como já exposto, Lobivar Matos foi precursor de um questionamento de natureza polissemântica. Sua tentativa de reposicionamento estético e temático pode não ter sido a primeira manifestação de inconformismo com os padrões academicistas fortemente arraigados pela ação do então Centro Mattogrossense de Letras, mas certamente constituiu um referencial de ruptura. O que veio depois, com a revista *Pindorama* e com o movimento intensivista de 1948, só fez reforçar a hipótese do mascaramento da oposição vanguardista encetada por Dias-Pino.

Quando próximos de Wladimir, autores como Rubens de Mendonça, Newton Alfredo de Aguiar e Othoniel Silva, por exemplo, tornavam-se radicais no rompimento, pois havia uma rebeldia juvenil natural contra o conservadorismo instituído, posição que se amainava na ausência do formulador intensivista (Wladimir periodicamente viajava para o Rio de Janeiro), quando os escritores necessitariam de maior coragem para afrontar o conservadorismo reinante.

É preciso considerar que Cuiabá era uma cidade pequena, provinciana, os intelectuais eram poucos e constituíam uma elite, convivendo em contextos distintos. Muitos interesses diferenciados estavam em jogo: prestígio político, poder econômico, rede de laços familiares, empregos... Dentro da AML, a tolerância para com a rebeldia juvenil existia com uma espécie de condescendência e cautela carinhosa de “padrinhos” que “puxam as orelhas” dos jovens quando exageraram em suas manifestações rebeldes. Isso aparece na revista da instituição como referência à produção dos “novos”, que nela ganharam uma página para publicar seus textos, sob o olhar atento dos “tradicionais”, sobretudo José de Mesquita.

Provavelmente por essa razão, a maioria dos escritores produziu e publicou concomitantemente sonetos romântico-parnasianos e poemas modernos, o que mostra falta de firmeza/consistência ideológica necessária ao grupo para, de fato, constituir um movimento forte o suficiente para efetivar uma ruptura estética e ideológica com o passado. Portanto,

percebemos que, em Mato Grosso, houve apenas uma *movimentação* literária de cunho modernista, com produção acanhada constituída por textos esparsos publicados, sobretudo, em periódicos locais. O pioneiro Lobivar Matos e, anos depois, o singular Wladimir Dias-Pino foram, inegavelmente, aqueles que tiveram coragem necessária para afrontar o *status quo* e defender/criar praticamente sozinhos uma nova estética.

No final dos anos 1940, Wladimir encontrou um terreno mais fértil para sua pretensão de rompimento, já que os escritores “novos”, influenciados e embasados pela produção modernista nacional e internacional, intimamente desejavam mudanças no cenário regional. Os periódicos que ele fomentou e as ligações sociais que estabeleceu na capital mato-grossense possibilitaram-lhe mobilidade e penetração mais consistentes. Já a partir da década de 1970, com o acesso à gráfica da Universidade Federal de Mato Grosso, gestou uma geração de escritores que o tinham como referência obrigatória.

Lobivar Matos, no entanto, não teve a mesma sorte. No princípio do século XX, enfrentou sozinho o cânone que se formava com a massificação de elogios autorreferentes nos múltiplos periódicos de Mato Grosso. À míngua de crítica especializada, o autor de *Areôtorare* (MATOS, 2008) não encontrou repercussão em jornais de grande circulação, chegando mesmo a criticar, em periódicos posteriores, a pasmaceira literária predominante em Cuiabá por força da influência da dupla Aquino-Mesquita e do academicismo mimetizante que viria a se constituir nas décadas seguintes (MAHON, 2021).

3. O modernismo de Lobivar Matos

Escrito em Mato Grosso durante o ano de 1935, o primeiro livro de Lobivar (MATOS, 2008a) foi *Areôtorare*, que significa, segundo a língua dos Bororo, “o contador de histórias”. O poeta projetava esse lugar para falar “à minha gente”, como deixou registrado no prefácio. A introdução tem um claro viés de manifesto, porque traça um diagnóstico da produção no tempo, a missão do intelectual naquele contexto histórico e, como não poderia deixar de ser, critica o subjetivismo irrelevante da geração passada.

Hoje os poetas refletem os anseios, as revoltas, as durezas amargas da época e do meio em que vivem.

Quebrando os velhos moldes, abandonando os temas irrisórios, dando largas ao pensamento livre, os poetas da geração moderna são obrigados a falar nas coisas humildes, nos dramas cruciantes dos desgraçados, dos miseráveis, dos párias sem pão, sem amor e sem trabalho.

Esse é o papel dos poetas da minha geração! (MATOS, 2008a, p. 63).

Ao quebrar “os velhos moldes”, a vanguarda de Lobivar fica evidenciada, uma espécie de radicalização do modernismo. O escritor tem consciência do fracasso das promessas do progresso, da marcha civilizatória, do futuro de prosperidade. Desencantado, promove duas guinadas: a primeira é o rompimento com a métrica parnasiana, adotando um coloquialismo típico do modernismo brasileiro expresso em versos livres; a segunda diz respeito ao tema eleito. Matos recusa a grandiloquência de uma poesia cívica, moralizante e fundacional, em resumo, o programa para a literatura mato-grossense proposto por D. Aquino em 1921, durante o discurso de instalação do Centro Mattogrossense de Letras (CORREA, 1922).

Ainda que conte com poemas que sondam o íntimo do autor, *Areôtorare* não se entrega ao subjetivismo langoroso que se praticava na poética majoritária. O “papel dos poetas” da geração modernista seria outro, igualmente urgente e impositivo: a denúncia social. Enquanto o arcebispo Aquino e o desembargador Mesquita preferiam prescrever aos conterrâneos os cantos de epopeia, os mitos da miscigenação nacional, a formulação de imagens de progresso com base na herança bandeirante, Lobivar afirmava que “os poetas da geração moderna são obrigados” ao engajamento social, à denúncia da miséria, do racismo, da misoginia. São duas prescrições diametralmente opostas, mas que se aproximam de certa forma, enquanto fórmulas que transbordam do íntimo do escritor, para servir de programa à intelectualidade. Nesses extremos, restava aos demais autores aderir a uma das opções engajando-se, de qualquer forma, em cartilhas distintas.

Podemos apontar um claro exemplo dessa desarmonia intelectual que se refletia no estremecimento político e literário com o poema *‘Marcha para o Oeste’*, de D. Aquino Corrêa. Nele, a terra é comparada ao Éden bíblico, promessa de prosperidade a todos os que se aventurassem na conquista.

Marcha para o Oeste

A civilização é como o sol brilhante,
que sai do berço em flor das rosas do levante,
e vai, sempre para o oeste, o zênite atingir;
a marcha para oeste é marcha para a altura,
é marcha para o azul, para onde mais fulgura
o progresso a irradiar na glória do porvir.

Bem haja, pois, a voz da República nova
concitando a essa marcha, em que assim se renova
a avançada genial das velhas gerações,
que recuaram a linha ideal de Tordesilhas
anexando ao Brasil todas as maravilhas
do eldorado, que são os nossos verdes sertões!

Foi essa a marcha audaz das épicas bandeiras,
que ao nosso ínvio ocidente entraram, por primeiras,
e mostraram ao mundo, em fantástica luz,
as lendárias regiões, onde brotam os rios,
e erram, em solo de ouro, os tapuias bravios,
num sonho de esmeralda e diamantes a flux!

Foi a marcha triunfal dos grandes diplomatas,
Capitães-Generais que, em nossas rudes matas,
brilharam inda mais que em cortes do ultramar;
e firmaram a posse e o poderio ingente
de El-rei de Portugal, nestas zonas do poente,
que em vão lhe quis a nobre Espanha disputar.
Foi a marcha também dos novéis pioneiros,

a marcha de Rondon e dos seus companheiros,
devassando a solidão dos broncos penetrais;
marcha da nossa história, ela parte do oceano,
para a interlândia imensa, o novo Éden arcano,
em que Deus requintou os seus dons aos mortais.

E tu, ó minha terra! Ó meu sertão do oeste!
Tu que inda és um botão de flor mimosa e agreste,
hás de ser conhecida, hás de crescer e abrir!
Hespéria do Brasil! Jardim dos pomos de ouro!
Serás da nossa Pátria o mais rico tesouro,
a fama a escurecer a Golconda e de Ofir!
(CORREA, 1985, p. 32).

Vê-se que o conceito de “civilização” usado por Aquino reflete a imposição de um modelo alienígena à vida das sociedades ancestrais. Além de uma rápida citação à bravura dos Tapuia, o poeta apaga completamente as táticas de invasão, a guerra de resistência e as atrocidades ocorridas no contato bandeirante. Aliás, os encarregados da colonização são eufemisticamente denominados “diplomatas”, como se as armas não fossem o elemento central da imposição civilizatória.

Lobivar, pensando diametralmente diferente do cânone regional, coloca-se como integrante do povo Bororo, posição impensável na tradição literária mato-grossense do período, cujo elitismo romântico extraía do elemento indígena apenas o exotismo. No poema ‘Destino do poeta desconhecido’, o autor incorpora-se à etnia invadida e se propõe a cantar os horrores vividos durante o processo de colonização. Ao contrário do fatalismo, tão caro aos românticos da geração anterior, o autor de *Areôtorare* arremata a composição com uma incerteza. O jogo ainda não havia acabado e ele, o escritor, ciente de seu poder de projetar imagens e narrar histórias, é responsável pelo próprio destino.

Destino do poeta desconhecido

Eu sou o poeta desconhecido.

Andei de cidade em cidade
caminhei por vilas, grutas e montanhas
atravessei riachos, pantanais imensos
venci, afinal, todas as distâncias
com o mesmo heroísmo selvagem
da minha tribo, forte e guerreira.

A ilusão é minha amiga e meu consolo.

Trago comigo o grito aterrorizante
de um povo oprimido dentro de si mesmo.

A coragem dos homens rudes de minha terra
lateja em mim,
palpita no meu sangue
e vibra, voluptuosa, em todo o meu ser.

A vida me embriaga e me aborrece.

Trago comigo todas as lendas bororas.
A grandeza de minha raça
fala nos meus cinco sentidos,
a dança no círculo de ouro das minhas emoções
e canta no ritmo tumultuoso dos meus versos.

A felicidade me ilude, a mulher me desilude;
trago comigo, à minha alma presa,
a inútil esperança da vitória.
A bondade de minha gente
fulgura, cintilante, nos meus feitos,
rola, estuante de harmonia, nos meus gestos.

Busco, sem cessar, dia e noite,
numa luta generosa e boa,
luz para a Razão, pasto para a Inteligência.

Eu sou o poeta desconhecido.

Não sei o destino que me espera,
porque sou o próprio destino (MATOS, 2008a, p. 65).

A “civilização” não representa progresso para Lobivar Matos. O processo de invasão colonial, escravização indígena, estupros coletivos e apagamento cultural não é simplesmente um custo do desenvolvimento. Não há projeto econômico que justifique a dor que o poeta expressa, mesmo que, na projeção de José de Mesquita, Mato Grosso venha a surgir como o “celeiro do mundo”. Como Lobivar se coloca em meio à etnia no poema ‘A catequização dos bororos’, encerra-o com pessimismo quanto à extinção daquela cultura: “Foi assim que os bororos, aqueles índios / que ainda choram as selvas da minha terra / perderam-se nos rigores da Civilização” (MATOS, 2008a, p. 103).

O fundador do Instituto Histórico e Geográfico e da Academia Mato-grossense de Letras, D. Aquino Correa, fixa a imagem do bandeirante como a de um herói; um aventureiro desapegado que, por força do prenúncio divino, domina a natureza e os indígenas. O verbo “domar” chama particular atenção no poema ‘Bandeirantes’ do arcebispo porque deprecia – animalizando – as comunidades ancestrais mato-grossenses. Percebe-se que os indígenas configuram obstáculos ao modelo civilizatório de Aquino.

Bandeirantes

Nessa armadura arcaica e tão grosseira
de couro cru, rebrilha, em alvoradas,
o heroísmo que, ao sol destas douradas
praias, deixou tão luminosa esteira.

Vosso rude arcabuz de pederneira
reboa ainda as glórias alcançadas;
e há frêmitos de homéricas jornadas,
nos trapos e na cruz dessa bandeira.

Engrandecestes o Brasil, domando,
corpo a corpo, em conflito formidando,
a mata, o rio, a peste, a fome, a guerra!

Salve, heróis! Salve, humildes bandeirantes!
Fenícios do sertão! Monções errantes,
à conquista imortal da minha terra! (CORREA, 1985, p. 108).

Os negros recebem o mesmo tratamento antitético. No romance *Piedade*, José de Mesquita (2021) narra uma cena paradigmática para compreender a visão da miscigenação como deletéria à formação de uma civilização avançada. No gabinete de leitura do protagonista, o jovem advogado Paulo, dá-se um diálogo no qual a pretensão amorosa do mulato Ricardinho é ridicularizada. Pelo que se depreende da narrativa, o enlace inter-racial, agravado pela distância socioeconômica, seria risível, porque insólito para os padrões da elite cuiabana:

Paulo sorriu e veio-lhe a ideia de contestar a Ricardinho, mas percebendo-lhe a impaciência no olhar, voltou para o divã e enquanto acendia um cigarro, interrogou o outro, para contar-lhe a indecisão e forçá-lo a entrar no caso.

— Como vão os seus amores com a encantadora Helenita?

Num pigarro que lhe acudia toda a vez que era assim arrastado, de chofre, para motivo tão sublime, respondeu o enamorado rapaz:

— É, em parte, o que me demoveu a vir hoje procurá-lo, meu amigo. Dias atrás já vinha alimentando este desígnio, porém o infortúnio que pesou sobre a sua nobre família, com o chorado passamento da sua prima, a Exm^a Sr^a D. Glorinha, não consentiu satisfazer antes este desejo. E, a propósito, a Exm^a Sr^a sua tia vai passando bem, mais confortada? E as suas Exm^{as} primas?

— Que fazer, meu caro, nestas duras circunstâncias, senão conformar-se? Vão passando melhor, obrigado.

— Perfeitamente. Ao que dizia, deveria o ter buscado já há alguns dias para consultar a sua experiência e tomar um aviso do antigo discípulo acerca de certas cousas...

Ricardinho reticenciou o seu pensamento e Paulo, vendo-o hesitante, esporeou-lhe a coragem com uma pergunta:

— Dar-se-á que tenha havido algum rompimento?

— Jamais, meu amigo, jamais. Os elos que nos unem são assaz fortes, que só a morte os desliará. A família, entretanto, é que se recusa formalmente ao nosso enlace. Tomados de preconceitos absurdos, pretendem que eu não esteja na altura de ser o esposo de Helenita...

— Oh! Que absurdo, realmente! — fez Paulo, num gesto estudado de revolta. — E a moça?

— A despeito da campanha contra mim movida, sobretudo pelo pai, e pelos irmãos, permanece-me fiel, guardando, todavia, como recatada e submissa filha, certa frieza, a meu respeito. Oh! Mas eu tenho a certeza plena e integral do seu amor!

— Já lho disse alguma vez, naturalmente...

— Isso não, meu amigo. A pudicícia lho vedaria, mesmo quando ensejo se nos deparasse a uma conversa. Tal ensejo, porém, ainda não houve, até ao presente, tão custodinda vive a minha adorada deidade!

— E as demonstrações que o autorizam a essa certeza são eloquentes, não? — inquiriu, Paulo curioso.

— Eloquentíssimas! Olhares e sorrisos inequívocos... Piscares de olhos, cumprimentos amáveis, acenos de cabeça que não deixam dúvida. Diante dos parentes e de estranhos a coitadita tem que dissimular os seus veros sentimentos. Imagine que um dia destes, porque ia acompanhada do irmão, chegou a deitar-me a língua — ó — e com que graça!, dizendo-me: — Você não se conhece, *seu quarta-feira?*

— Fingimento, decerto — ponderou Paulo, quase a estourar numa risada.

— Isso mesmo. Pura dissimulação. A pequena é hábil e maneirosa. Ama-me, tenho a certeza. Lá isso, em presença dos parentes, poderia, para os não desgostar, até atirar-me pedras... Ninguém me dissuade do seu amor!

Paulo, que via até ali o lado cômico da paixão de Ricardinho, apiedou-se sinceramente do amigo e teve ímpetos de abrir-lhe os olhos, fazendo-lhe ver a sua ridícula posição. Pensou, entretanto, na inutilidade de seu gesto, que só determinaria uma decepção para o outro, que vivia tão feliz no seu voluntário engano. Dali, talvez, nem Ricardinho acreditasse e ainda se fosse desconfiado de sua amizade, o que seria realmente penível, pois, apesar de tudo, estimava o amigo e aprazia-lhe o seu convívio, no qual se divertia (MESQUITA, 2021, p. 95-96) [grifos do autor].

O diálogo entre Paulo, branco e rico, e o conhecido Ricardinho, negro e pobre, dá-se cordialmente. O efeito hilariante ao final, baseado na insólita pretensão a um casamento inter-racial, demonstra o viés ideológico que Mesquita mantinha sobre a eugenia, ideário tão em voga

na primeira metade do século XX. Arrematando a cena, o autor não só delimita o espaço do negro como engrandece o protagonista, que teve a delicadeza de não decepcionar o amigo com a realidade social mato-grossense.

De certa forma, o positivismo que demarcava ideologicamente a hegemonia da intelectualidade mato-grossense era fruto da modernidade. No entanto, Aquino e Mesquita esperavam encontrar progresso e justiça social por meio do avanço para o oeste, do desmatamento e plantio em alta escala, da construção de uma malha ferroviária a facilitar a comunicação, do paulatino branqueamento da população ou, no mínimo, da imposição de uma etiqueta civilizatória com o traço europeu. Voltaram-se para a cor local, mas a cantaram em tom exótico, mimetizando autores que já estavam sendo duramente criticados pelo modernismo, como é o caso de Olavo Bilac.

Na maior parte da produção literária mato-grossense da primeira metade do século XX, qualquer conflito de caráter social era evitado. O objetivo central da dupla Aquino-Mesquita era não só retratar a natureza, lendas e tradições locais como projetar a imagem de uma região propícia a saltos de crescimento, livre de inconvenientes como questionamentos ambientais, sociais e financeiros. Em 1936, portanto no ápice da produção de José de Mesquita e de D. Aquino, o corumbaense Lobivar Matos publicou seu segundo livro, *Sarobá*.

Assim como havia feito em *Areôtorare*, o autor manifestou-se no prefácio, aprofundando-se na “missão dos poetas de minha geração”. O tema central não era mais o elemento indígena, distante no percurso histórico. Em *Sarobá*, Lobivar faz uma provocação mais radical porque quer, deliberadamente, expor o fosso social que era, até então, ignorado pelos autores mato-grossenses; conflito latente, mas silenciado na prosa e na poesia. No prefácio, ao explicar a variação etimológica dos homônimos ‘saróba’ e ‘Sarobá’, o autor esclarece que a segunda denominação era conhecida por se tratar de

[...] bairro de negros de Corumbá. Lugar sujo, onde os brancos raramente penetram e assim mesmo, quando o fazem, se sentem repugnados com a miséria e a pobreza daquela gente. Sentem

repugnância e nada mais, porque os infelizes continuam a vegetar em completo abandono, como se não fossem criaturas humanas.

Só se lembram de Sarobá quando são necessários os serviços de um negrinho. Fora daí a Favela em ponto menor é o templo eterno da miséria, é a mancha negra bulindo na cidade mais branca do mundo, na expressão de um inglês que passou por lá caçando onça e, quem sabe?, se petróleo também (MATOS, 2008b, p. 106).

Lobivar aproveitou toda a semântica do preconceito racial para construir seus poemas como, por exemplo, “carapinha”, “beijola”, “chinfrim”. E foi além. O uso constante de anáfora – negro, negrinho, negrinha – reforça o impacto do sentimento predominante de repulsa nas camadas da elite local. Ao assumir a condição social miserável e retratá-la de forma direta, pouco metaforizada, o autor de *Sarobá* desconstrói o paradigma da democracia racial, da harmonia local e da comunhão social pelo progresso de Mato Grosso.

Sarobá

Bairro de negros
negros descalços, camisa riscada,
beijolas caídas,
cabelo carapinhé,
negras carnudas rebolando as curvas,
bebendo cachaça,
negrinhos sugando as mamas murchas das negras,
negrinhos correndo doídos dentro do mato,
chorando de fome.

Bairro de negros,
casinhas de lata,
água na bica pingando, escorrendo, fazendo lama,
roupa estendida na grama,
esteira suja no chão duro, socado,
lampião de querosene pescando no escuro,
negra abandonada na esteira tossindo
e batuque chiando no terreiro,

negra tuberculosa escarrando sangue,
afogando a tosse seca no eco de uma voz mole
que se arrasta a custo
pelo ar parado.

Bairro de negros
mulatas sapateando, parindo sombras magras,
negros gozando,
negros beijando,
negros apalpando carnes rijas,
negros pulando e estalando os dedos
em requebros descontrolados,
vozes roucas gritando sambas malucos
e sons esquisitos agarrando e se enroscando nos nervos dos negros.

Bairro de negros
chinfrim, bagunça,
Sarobá (MATOS, 2008b, p. 111).

Enquanto Lobivar Matos lançava *Sarobá*, em 1936, denunciando as relações incestuosas entre patrões e empregados, as humilhações corporais de jovens negros, a perpetuação do sistema semiescravista, os estupros constantes nas casas de famílias tradicionais, José de Mesquita, em 1937, publicava *Piedade*, em que as relações sociais entre brancos e negros eram amistosas, em que personagens se frequentavam com um certo grau de naturalidade, respeito, cordialidade. Seis anos antes, Mesquita publicara *Corã*, conto longo em que uma garota branca se casa com um jovem negro e é percebida como víbora que destrói a paz de uma família interiorana e ignorante.

São visões que se afrontam mutuamente. A noção de civilização, eugênica e próspera, edênica e moralizante, da dupla Aquino-Mesquita contrasta com a visão modernista de Lobivar Matos que escracha a desigualdade social, a exploração do trabalho e tem a ousadia de alvejar tabus sociais brasileiros raramente explorados na literatura com um grau de objetividade que o caracteriza estilisticamente:

Mulata Isaura

Mulata Isaura, cuidado com o filho da patroa.

Você pensa que ele gosta de você.

Não gosta, não, boba.

Seu riso é falso.

Suas promessas são falsas.

Seus carinhos são falsos.

Tudo nele é falso.

Ele quer pegar você

como pegou Josefa, aquela morena alegre

que morreu de fome

abandonada

no hospital.

Não vá atrás dele não, boba.

Ele chama você no quarto dele,

despe você com palavras bonitas,

acende em você a fogueira da carne e da volúpia

e depois...

Depois você não resiste, não, mulata boba.

E quando a patroa vir sua barriga crescendo

expulsa você de casa com palavrões e injúrias.

Diz que você nunca prestou, que você é uma perdida

e que não quer mulher perdida em sua casa.

Aí, então, começará o verdadeiro mundo pra você.

Sem casa, sem parentes, sem dinheiro,

com a barriga cheia, chiando de fome,

coração despedaçado,

humilhada,

exausta,

desiludida,

você irá vender seu corpo

numa das ruas da prostituição.

Será mais uma ‘mulher de vida alegre’,
‘de vida fácil’,
mais uma infeliz que bebe todo,
que retalha os pulsos,
que incendeia os trapos,
para fugir da vida,
da miséria da vida.

Mulata Isaura, tome cuidado,
se você não quer morrer de fome,
abandonada, sem remédios,
num catre imundo do hospital.

Mulata Isaura, tome cuidado!
Nos hospitais ainda reina o privilégio
e reinam também os preconceitos de raça,
as diferenças de cor.

E você é de cor, mulata Isaura! (MATOS, 2008b, p. 118-119).

O poema ‘*Mulata Isaura*’ vai de encontro às construções imagéticas de harmonia social. Ao abordar, sem meias-palavras, o estupro de empregadas negras no interior das famílias tradicionais e o inexorável destino da prostituição, Lobivar aponta para questões dramáticas que, no contexto mato-grossense, são deliberadamente ignoradas – sexo inter-racial, estupro, aborto, prostituição, loucura e suicídio.

No poema construído em forma de aconselhamento, o autor chega ainda mais longe que o modernista Mário de Andrade que escreveu, em 1927, *Amar, verbo intransitivo*. No romance, *Elza* é branca e professora de alemão. A narrativa constrói um ambiente de velada exploração sexual, na qual as relações íntimas não são consumadas. Lobivar Matos, ao contrário, deixa claro que a sedução e o estupro são constantes no íntimo das famílias da elite mato-grossense, citando o caso da negra Josefa, que morreu de fome, abandonada no hospital.

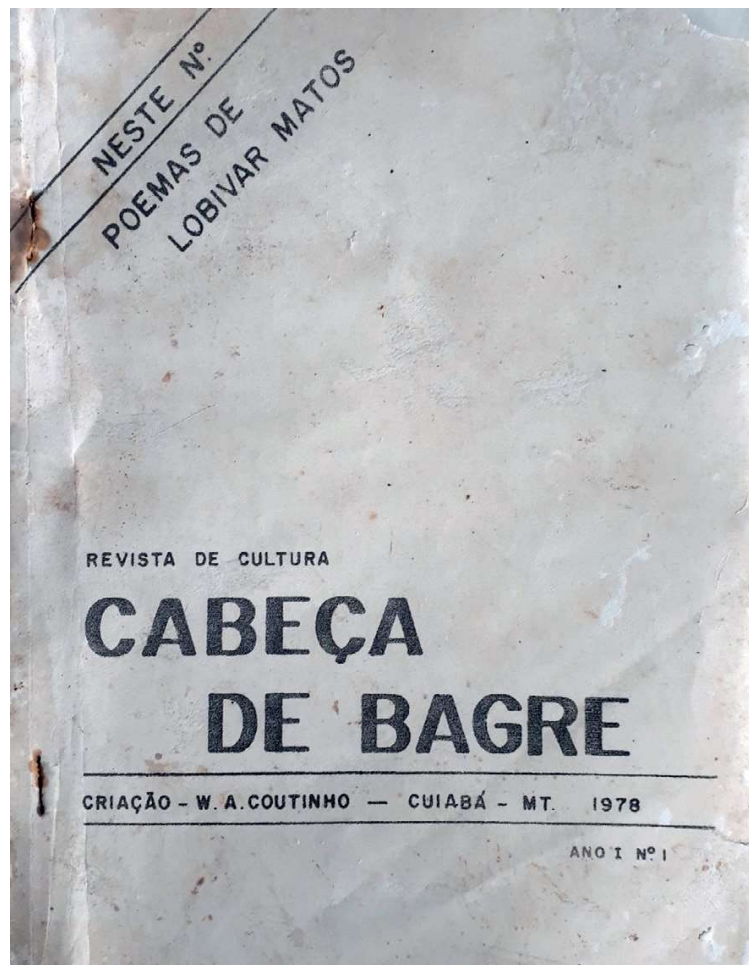
Portanto, o poeta corumbaense colocou-se na vanguarda de seu tempo, posição radical de rompimento frontal com padrões estéticos

e temáticos hegemônicos em Mato Grosso. Mesmo em termos de literatura com maior circulação nacional, cujo movimento modernista grassava em São Paulo e no Rio de Janeiro, a obra de Lobivar pode ser considerada a mais agressiva vanguarda brasileira, disposta a nominar desafetos, narrar injustiças e publicar o que era, até então, impublicável.

Apesar de ter publicado apenas os dois livros de poemas citados – *Areôtorare* e *Sarobá* –, Lobivar Matos inspirou e influenciou a geração de escritores que o sucedeu. O título do livro de poesias de Rubens de Mendonça, *Cascalho de ilusões*, foi emprestado de um verso do seu poema ‘Garimpeiro’ (MATOS, 2008a, p. 94). Rubens e Silva Freire assumiram a expressão “poetas bororos”, cunhada por Matos, para se referirem aos modernos, além do próprio Wladimir Dias-Pino, que por ele nutria admiração e respeito.

Em 1978, cerca de quarenta anos depois dos lançamentos dos livros de Lobivar, o pouco estudado poeta e editor W. A. Coutinho lançou a revista *Cabeça de Bagre*, cuja segunda parte é integralmente dedicada ao poeta corumbaense. Tudo indica que toda a publicação não só foi uma homenagem a Lobivar Matos como também uma nova onda de resistência antiacadêmica. A produção de Coutinho, inspirada no companheiro Wladimir Dias-Pino, usou as referências evidentes do “poeta bororo” e fez do provincianismo cuiabano e da Academia Mato-grossense de Letras alvos principais.

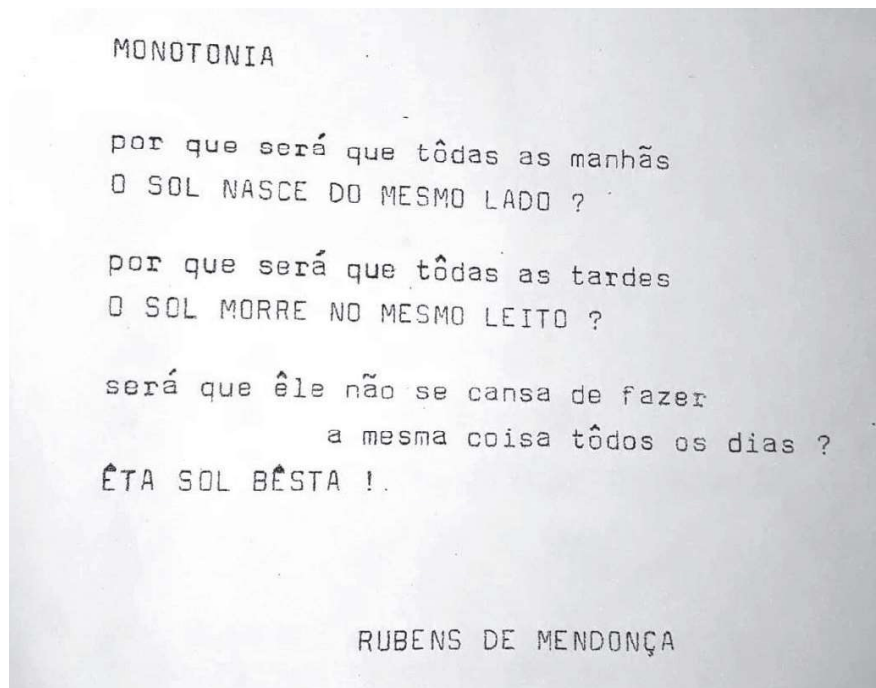
Figura 1 – Capa da Revista de Cultura *Cabeça de Bagre* (1978).



FONTE: Acervo de Eduardo Mahon.

Ao recuperar um conhecido poema de Rubens de Mendonça, publicado em 1951 na revista *Sarã*, W. A. Coutinho alinhou-se à tradição antiacadêmica iniciada por Lobivar Matos e continuada por Wladimir Dias-Pino. O escritor Rubens foi escolhido não só por ter participado da revista *Pindorama*, precursora do modernismo mato-grossense, mas por compor versos ambíguos sobre o “Sol”, imagem irônica provavelmente representando D. Aquino Correa e a Academia Mato-grossense de Letras.

Figura 2 – Poema ‘Monotonia’, de Rubens de Mendonça, republicado na Revista de Cultura *Cabeça de Bagre* (1978).



Fonte: Acervo de Eduardo Mahon.

O editorial, assinado por Carlos Melo, trouxe uma clara referência a Lobivar Matos, que tecia duras críticas não só ao academicismo parnasiano de Aquino e Mesquita, mas à hegemonia política cuiabana.

A indiferença cuiabana impede que a visão crítica dos acontecimentos seja aguçada, procurando penetrar os fatos, ou ao menos reagir criticamente a eles, quedando provincianamente como fato consumado que, ao final, abate-se em sua própria cabeça, ponto final do círculo, círculo vicioso, preço pago pela imobilidade.

E a Inteligência, o que apresenta? O mesmo marasmo do gentio. Os saraus e as atividades dos intelectuais são tão inócuos quanto a atitude geral. Ou são manifestações vazias e empoladas que descortinam aos demais mortais uma narcisista erudição de estéreis resultados, ou subservientes e laudatórias demonstrações de acomodaticia tendência subvencionada.

O panorama mostra-se mais constrangedor ainda quando observamos as instituições culturais locais, como a Academia e outras que, uma vez entronizadas, sobrevivem apenas de manter lembranças que existem, pois, do contrário, cairiam no esquecimento, tal grau de passividade e inação a que estão entregues, ressonando no bolor do tempo (COUTINHO, 1978).

4 Conclusões

O presente artigo relembrou o balanço do Modernismo que Mário de Andrade realizou: uma severa autocrítica, com pouco espaço para autoemulações. Um dos responsáveis pela Semana de Arte Moderna de 1922 confessou: “Faltou humanidade em mim. Meu aristocracismo me puniu. Minhas intenções me enganaram” (ANDRADE, 1974, p. 252). Cômico de seu próprio tempo, ao fazer uma retrospectiva amarga, concluiu: “Nós éramos os filhos finais de uma civilização que se acabou” (ANDRADE, 1974, p. 253). Lobivar Matos, de alguma forma, poderia fazer esse mea-culpa? Acreditamos que não.

A visão de Mário de Andrade não é decepcionante. É realista. Os jovens que se embriagavam de champanhe e éter nas intermináveis madrugadas paulistanas causaram escândalo no tradicionalismo da época mais pelo modo de vida do que pela consistência da produção artística. O lamento pela movimentação “autofagicamente destruidora” e pela “falta de realidade” (ANDRADE, 1974, p. 241 e 252) levou o autor de *Macunaíma* a cogitar que poderiam ter realizado mais, de forma regular, consistente, realista e longe dos pretensiosos mitos patrióticos de re-fundação com os quais lidavam.

Contudo, a despeito do tom depressivo da retrospectiva de Mário de Andrade, ele mesmo apontou o salvo final do movimento modernista brasileiro: “O direito permanente à pesquisa estética; a atualização da inteligência artística brasileira; e a estabilização de uma consciência criadora nacional. Nada disto representa exatamente uma inovação e de tudo encontramos exemplos na história artística do país” (ANDRADE, 1974, p. 242).

O que diria Mário de Andrade, todavia, se houvesse lido Lobivar Matos? Certamente, menos amargo e mais esperançoso, teria orgulho dos desdobramentos do modernismo: a popularização da temática, o realismo do cotidiano nacional, a inversão na visão do negro e dos indígenas, o enfrentamento direto do moralismo católico, o retrato da misoginia e do racismo. Ao contrário dos elitistas *happenings* paulistanos que completam seu primeiro século, Lobivar Matos confrontou não

apenas uma estética, mas um programa político que pautava a identidade local – daí não ter encontrado sinecuras, empregos públicos, colocações para si e para amigos.

Não só em termos de estética literária, mas, ao analisarmos a coragem necessária de Lobivar Matos para enxergar como santos os “desgraçados na escadaria da igreja” (MATOS, 2008b, p. 127), percebemos o quão radical foi o rompimento a que se propôs. Se o modernismo colheu da crítica uma classificação em gerações, Lobivar dificilmente seria encaixado como um dos pósteros, porque realizou um contraponto em Mato Grosso que poucos modernistas das gerações seguintes tiveram a ousadia de promover.

Referências

- ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Livraria Martins Editora S. A., 1974. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4675417/mod_resource/content/1/O%20movimento%20modernista.pdf. Acesso em: 2 mar. 2022.
- CORREA, Francisco de Aquino. O Centro Matogrossense de Letras. *Revista do Centro Matogrossense de Letras*, Cuiabá: Typ. J. Pereira Leite, ano 1, n. 1, p. 9-25, jan. 1922.
- CORREA, Francisco de Aquino. *Poética*. Terra natal. Cuiabá: [s. n.], v. 1, t. 2, 1985.
- COUTINHO, W. A. (org.). *Cabeça de Bagre*. Revista de Cultura, Cuiabá: [s. n.], a. 1, n. 1, 1978.
- DIAS-PINO, Wladimir. Intensivismo. *Sarã*, Cuiabá, n. 3, p. 5, jun. 1951a. Disponível em: www.intensivismo.com.br. Acesso em: 31 jan. 2022.
- DIAS-PINO, Wladimir. Intensivismo. *Sarã*, Cuiabá, n. 4, p. 1, jul. 1951b. Disponível em: www.intensivismo.com.br. Acesso em: 31 jan. 2022.
- MAHON, Eduardo. *A literatura contemporânea em Mato Grosso*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021.
- MATOS, Lobivar. *Areôtorare*: poemas bororos. Cuiabá: Academia Mato-grossense de Letras/Unemat, 2008a.
- MATOS, Lobivar. *Sarobá*. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras/Unemat, 2008b.
- MENDONÇA, Rubens de. Monotonia. *Sarã*, Cuiabá, n. 5, p. 3, ago. 1951.
- MESQUITA, José de. *Piedade*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021.
- REVISTA DE CULTURA Cabeça de Bagre. *Capa*. [S. l.: s. n.], a. 1, n. 1, 1978.